

CLASSICA nº 20 – Dezembro 1994

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Tiragem: 1.000 exemplares

Depósito legal nº 50468/91

ISBN 0870-0141

Apoios:

Fundação Calouste Gulbenkian
Instituto Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

Direcção

Victor Jabouille
Cristina Pimentel
Cristina Abranches
Fernando Lemos
Arnaldo Espírito Santo

Redacção e Administração

Departamento de Estudos Clássicos
Faculdade de Letras de Lisboa
1699 Lisboa Codex

Edição

Edições *Colibri*
Apartado 50488 Lisboa Codex

classica

boletim
de
pedagogia
e
cultura

nº 20 * Dezembro – 1994

SUMÁRIO

Para o Latim: as razões que permanecem

Aires A. Nascimento.....5

O Texto Distante (para a recuperação dos clássicos)

Aires A. Nascimento.....11

Le Mythe d'Echo et de Narcisse chez Ovide

Freddy Decreus.....25

**«Quem tem a Candeia Acesa?» A Insónia como Tópico Estético-
-Literário em Calímaco, Hélvio Cina e Ausónio**

Frederico Lourenço.....51

Etimologia da Leitura

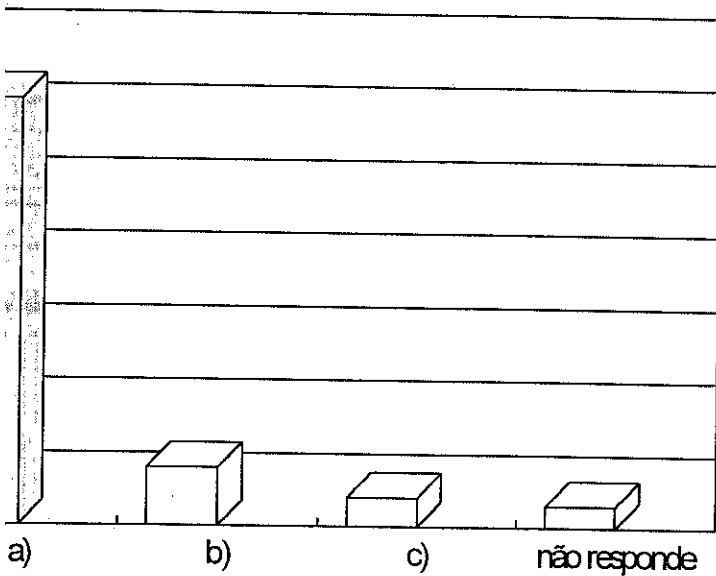
J. A. Segurado e Campos.....61

Latim «Macarrónico» uma Brincadeira Séria	
Custódio Magueijo.....	71
Informática e Estudo do Texto	
Marc Stielau.....	75
Latin Tardio en la Enseñanza	
Carmen Codoñer.....	89
As Metamorfoses do Latim: da «Ginástica Intelectual» ao «Latim para Retardados»	
Cristina de Sousa Pimentel, Ana Paula Patrão, Abel Nascimento Pena.....	105
Considerações em Torno de uma Carta de Cícero: ad Familiares, XIV, 7	
António Mateus Vilhena.....	111
Concursvs verborvm	
António Rodrigues de Almeida.....	125
O Insucesso no Ensino do Latim: Algumas Causas e Consequências	
Carlos Alberto Borges Simão.....	139
E o Latim: não se pode exterminá-lo?	
Victor Jabouille.....	145
Testes Linguísticos para o Principiante de Latim	
Paulo Farmhouse Alberto.....	155
Actualidade Pedagógica das Cartas de Clenardo	
Fernando Patrício de Lemos.....	169
O Ensino do Latim? E o Grego?	
André Filipe V. N. Simões, Eduardo Pereira Dinis, Fernando Manuel de Sousa Augusto, João Vítor Alves, Maria de Fátima Gomes Ferreira, Maria Judite P. Barros da Costa, Maria do Rosário C. M. Militão e Verga Vigário, Sónia Marília V. P. da Fonseca Duque, Valdemiro Fernando Martins Rodrigues.....	183
O Latim, o Programa, os Autores do Programa, o Latim dos Autores	
Adriana Freire Nogueira.....	195
A Situação do Latim I nos Cursos Universitários de Português/Inglês e de Português/Alemão	
Maria Teresa Schiappa de Azevedo.....	199

Teaching Latin to Beginners at University	
Roger Green.....	205
Análise Mecânica do Texto (TACT)	
António Rodrigues de Almeida.....	211
Tecnologia e Didáctica no Ensino do Latim	
J. M. Díaz de Bustamante.....	225
Las Enseñanzas del S.C. de CN. Pisone Patre. El Método Comparativo y la Génesis del Documento	
Antonio Caballos Rufino.....	233
Epitáfios Latinos (em verso e prosa) no Túmulo de D. Afonso Henriques, em Coimbra	
José Galdes Freire.....	255
Ensino do Latim e Modelos de Competência: o Aluno Formado pela Ratio Studiorum e pelas nossas Escolas	
José Sílvio M. Fernandes.....	265
Os Jesuítas e o Ensino do Latim: Lições Actuais de uma Didáctica Impraticável	
Manuel José de Sousa Barbosa.....	271
Electre et la Haine, ou Comment Lire un Texte Dramatique	
Freddy Decreus.....	289
Uma Tarde no Circo (Calp., Ecl. 7, 57-72) Perspectivas Didácticas	
João Beato, Ana Paula Patrão, Ana Corrêa da Silva.....	307
A Viagem na Antiguidade: uma Proposta Didáctica	
Marília Pulquério Futre Pinheiro, Vítor Humberto G. C. Ruas.....	319
Do Latim ao Português: Breve Abordagem da Problemática da Tradução	
Ana Alexandra Alves de Sousa.....	343
Algumas Ideias sobre o Compêndio de Latim para o 2º Ano de Aprendizagem	
António Afonso Borregana.....	351
O Ensino de Latim: Exigência ou Sedução?	
João Manuel Nunes Torrão.....	357

10

- a) o ramo educacional
- b) o ramo científico
- c) nenhum



O LATIM, O PROGRAMA, OS AUTORES DO PROGRAMA, O LATIM DOS AUTORES

*Adriana Freire Nogueira**

Em diversas Universidades faz-se a distinção entre o "Latim de Clássicas" e o "Latim de Modernas", considerando que este não terá que ser tão aprofundado como o outro, dado que os alunos desses cursos não virão a ser professores de Latim. Esta distinção das turmas tem tendência a desaparecer, até por razões práticas: torna-se mais simples um processo de equivalência de mudança de curso, por exemplo, quando o programa é o mesmo; e, na verdade, os alunos de Literaturas Modernas de variantes com Português têm a possibilidade de vir a ser professores de Latim, visto que muitos se efectivam no 8º grupo A (Português/Latim/Grego). Outra razão será o facto de muitos já começarem a trazer esta língua do Ensino Secundário, achando-se em igualdade de circunstâncias — em termos de preparação — uns com os outros, quer sigam o curso de L.L.Clássicas quer o de L.L.Modernas.

Mas o objectivo inicial desta intervenção não era a discussão da pertinência da equivalência dos programas de Latim nas Universidades, independentemente dos Cursos e Variantes, mas sim referir uma experiência de trabalho.

* Professora da Universidade da Madeira.

Tenho verificado que é mais simples compreender o que quer que seja se se souber o "porquê". Partindo desta premissa, interroguei-me se também não teria mais sucesso o ensino que não se limitasse a dizer como "a coisa é", mas "porque é que é como é". E o sucesso está ligado à motivação (não sei bem por que ordem...) e a motivação tem sido outra das minhas preocupações, não só pela fama (má) do Latim, como pelo trabalho regular que de facto implica.

A vertente histórica da língua latina não é explorada no Latim I das variantes que lecciono: Português/Inglês e Português/Alemão (é, pois, aqui que se insere a reflexão inicial). Como preparação de base os alunos trazem ou dois anos do Secundário, ou Latim 0 (iniciação) na Faculdade. O contacto (pouco) que tiveram com os chamados "textos de autor" nunca foi total, visto estes terem sido, na sua maioria, adaptados. Ora, neste 1º ano de Latim, depararam-se com Catulo, Salústio ou Ovídio, que não se condoíam com as desgraças dos alunos e escreveram como bem lhes apeteceu: com arte e técnica e tudo o que isto implica — desde metáforas, a elipses, arcaísmos, síncopes... enfim, cada Autor tem o seu estilo e nós é que temos que os tentar compreender. É então que as regras gramaticais são postas em causa: "Mas a professora não ensinou assim!... Disse-nos que o acusativo do plural da terceira declinação era em -es e não em -is!" Esta frase é um exemplo das muitas queixas que se ouvem na sala de aula. E não chega dizer, quando se ensina uma matéria nova, que depois aprenderão as excepções, que aquilo é apenas uma regra. O que acontece é que, quanto mais autores estudamos, verificamos que os latinos falavam com uma liberdade muito maior do que a que os professores consentem aos alunos. Como nós, em Português. Se só sobrevivesse o "Memorial do Convento" de José Saramago, os vindouros estabeleceriam muitas regras sobre a pontuação. Descoberto posteriormente "A Casa do Pó", de Fernando Campos, teriam que "arranjar" muitas excepções às regras estabelecidas, excepções essas que os seus alunos teriam que saber...

Tive a oportunidade de ver em Berlim, no Museu de Dahlem, uma exposição de vasos gregos. Aparentemente não parece nada de extraordinário, até porque há museus com melhores colecções do que este. O diferente é que, pela primeira vez, se apresentava uma exposição de vasos da Antiguidade de ...um só artista. Intitulada "Euphronios: Vasenmaler und Töpfer" (que podemos traduzir como "Eufrónio: Pintor de Vasos e Oleiro"), apresentava peças de arte orientadas para um único artífice: como é que mudou de estilo, como se tornou um dos do grupo

que introduziu as figuras vermelhas em vez das pretas, bem outras obras relacionadas com ele e com o seu tempo. Como se faria se fosse um contemporâneo.

Esta perspectiva "moderna" de encarar a Antiguidade agradou-me e foi nesta altura que resolvi fazer um trabalho com os alunos: dois a dois, ou individualmente, iriam estudar uma única alínea do programa, à sua escolha: fonética e fonologia, morfologia ou sintaxe. Cada um deveria consultar os diferentes livros de que a biblioteca dispõe sobre o assunto e, após a correcção da professora, expor o trabalho à turma. Um grupo estudou a morfologia histórica do ablativo em todas as declinações, outro a sua aplicação sintáctica, outro o fenómeno da assimilação, outro a dissimilação, outro as orações condicionais e assim por diante. Os trabalhos tiveram, quase todos, duas versões, ambas corrigidas por mim, dando-lhes assim a oportunidade de enriquecerem o trabalho com as sugestões que lhes eram dadas. Foram-lhes facultados meios audiovisuais para a apresentação oral. No fim, os alunos tiveram a oportunidade de expressar as suas opiniões sobre o que fizeram, através de um inquérito.

Com este trabalho atingiram-se diversos objectivos. Os alunos:

- reavaliaram o modo de estudar a língua. Esta passou a ser vista como "uma língua viva que já não se fala". Parece um paradoxo, mas é a expressão de um novo olhar sobre o latim: uma língua com regras como todas as que estudamos, escrita por homens que revelam sentimentos iguais aos nossos e usam, para se exprimirem, "técnicas" iguais às nossas (ou as nossas é que são iguais às deles...), não diferindo muito dos contemporâneos;
- usaram outros instrumentos de trabalho, que não só a gramática e o dicionário do dia-a-dia; verificaram que havia um número de livros, sobre esta matéria, superior ao que imaginavam e, ao consultarem-nos, aperceberam-se das diferentes perspectivas que se pode ter quando se estuda qualquer assunto;
- como consequência do anterior, passaram a usar esses novos instrumentos para melhorar o seu estudo. É de referir que, para muitos, terá sido a primeira vez que usaram computador na feitura de trabalhos;
- ganharam autonomia no seu estudo: aprenderam a pesquisar, a trabalhar por si próprios. E isso serviu de estímulo e incentivo para a disciplina;
- reconheceram o valor da interdisciplinaridade, ao poderem aplicar conhecimentos adquiridos noutras disciplinas, nomeadamente nas de componente linguística. Concluíram, por exemplo, que podiam usar

em Latim os esquemas do sistema fonético-fonológico do Português (ou talvez se devesse dizer ao contrário); o facto de a maioria dos livros consultados serem franceses, ingleses ou espanhóis, levou-os a reconhecerem a necessidade de dominarem estas línguas, mesmo não fazendo elas parte do seu curriculum;

- melhoraram o relacionamento com o Latim. A maioria passou a gostar mais da disciplina, a sentir-se mais motivada, pois compreendia melhor a matéria leccionada;
- apreciaram positivamente a apresentação oral: não só quem ia falar perante a turma (ao terem que fazer uma preparação mais sólida, perceberam melhor e puderam experimentar como é estar "no lugar do professor"), como os que os ouviam. Acharam que consolidavam melhor os conhecimentos;

Não posso afirmar que toda a turma (as duas Variantes têm aulas em conjunto) tenha reagido do mesmo modo e que tenham todos atingido estes objectivos. Mas a mudança, no que respeita ao aproveitamento, foi significativa, tendo os índices de sucesso aumentado.

Em termos gerais de aproveitamento e motivação, o resultado foi positivo, não só porque já sabiam "o porquê das coisas", mas porque reconheciam as "irregularidades" do texto como "aparentes". Possuindo conhecimentos mais sólidos, passaram a relacionar-se com as situações novas de um modo mais seguro, colocando hipóteses para a resolução das questões. Compreenderam que os autores estudados não eram apenas um pretexto para ensinar gramática e "matéria de cultura", mas que o conhecimento da gramática e da cultura era fundamental para os compreender. E compreenderam também que a contemporaneidade de um autor depende muito de quem o lê.